

***O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação, de Nilma Lino Gomes***

**Petrópolis: Vozes, 2017. 154 p.**

**Dandara Rodrigues Dorneles**

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul – RS – Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2761-6983>

[dandararodrigues.d@gmail.com](mailto:dandararodrigues.d@gmail.com)

O que a sociedade aprende com o Movimento Negro? Como esse movimento social reeduca o campo educacional? Quais são e como se difundem seus conhecimentos? Essas questões disruptivas são abordadas por Nilma Lino Gomes no livro *O Movimento Negro educador*. A obra toma o Movimento Negro brasileiro como um agente educador que produz, sistematiza e articula saberes emancipatórios. A autora compreende Movimento Negro (MN) como “[...] as mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam a superação desse perverso fenômeno na sociedade” (p. 23).

Mestre em Educação, Doutora em Antropologia Social e com vasta experiência nas políticas de igualdade racial, Nilma Lino Gomes, professora e mulher negra, articula

conceitos, pesquisas e discussões apontando assuntos intrincados, como educação, epistemologia, saberes e suas relações com a emancipação da comunidade negra. As reflexões realizadas dialogam com os estudos sociológicos de Boaventura de Sousa Santos (supervisor do seu primeiro pós-doutoramento) e com concepções pedagógicas de Paulo Freire.

No primeiro capítulo o MN é apresentado como ator político, pois questiona e educa o Estado, além de articular para que seus saberes reverberados, como os referentes às questões raciais e à história dos africanos em diáspora, sejam reconhecidos e implementados como políticas públicas para o combate às desigualdades raciais. Além disso, Gomes destaca a ressignificação de *raça* realizada por esse movimento social. Tal termo não é percebido como fomentador de inferioridade e segregação, mas como instrumento político e analítico contra o racismo e que, sobretudo, possui um forte caráter afirmativo, construindo identidades étnico-raciais positivas. Dessa forma, *raça* é ressignificada como potência emancipatória para a comunidade negra.

Todavia, o MN e todos os seus conhecimentos, que educam em diferentes âmbitos, não são reconhecidos socialmente, politicamente ou academicamente. A falta de reconhecimento, inclusive no campo da Educação e das Ciências Sociais brasileiras, produz invisibilidades e, assim, ausências. Nesse sentido, “[...] reconhecer e tornar credíveis os saberes produzidos, articulados e sistematizados pelo Movimento Negro para a prática e para o pensamento educacional é tarefa da pedagogia das emergências” (p. 139), tratada no segundo capítulo. Tal pedagogia, desenvolvida como teoria e epistemologia, proporciona alternativas para preencher as ausências com possibilidades concretas de emancipação, ensinadas pelo MN.

Nessa direção, os saberes do MN, forjados nas lutas por emancipação, são trazidos no terceiro capítulo da obra. O MN, nas lutas políticas contra o racismo,

questiona os conhecimentos tomados como absolutos e verdadeiros, como, por exemplo, as histórias racistas dadas como oficiais sobre a população negra, ao mesmo tempo que luta por outras narrativas visando a transformação social e a libertação. Assim, ao produzir outros discursos, apontar novos significados, ações e saberes da comunidade negra, esse movimento também tensiona sua relação com a educação brasileira, visando repensar a escola, bem como descolonizar currículos e universidades.

No quarto capítulo, versando sobre regulação e emancipação social, a autora finalmente aponta os três grandes grupos de saberes, ou de conhecimentos, produzidos por negras e negros organizados e sistematizados pelo MN e que agregam potências emancipatórias: os saberes políticos, os saberes identitários e os saberes estético-corpóreos. Os saberes identitários, de forma geral, colocam a raça e a identidade negra de forma afirmativa, trazendo debates críticos e bem posicionados. Os saberes políticos pontuam o racismo e reivindicam por políticas públicas específicas para a superação das desigualdades raciais no Brasil. Por fim, os saberes estético-corpóreos que reeducam olhares, em que a afirmação da raça e do cabelo, por exemplo, fazem parte de um percurso para a transgressão e emancipação, uma vez que dizem respeito às formas de sentir e viver o corpo. Tais questões sobre a corporeidade também ganham ênfase no capítulo cinco, sendo relacionadas à regulação e à emancipação. A autora aponta que o corpo negro pode ser regulado pela estereotipia, erotismo e violência, mas também emancipado através das danças, das roupas, construindo novas formas de emancipação e politizando a estética.

No capítulo seis é realizada uma revisão histórica das tensões entre regulação e emancipação no contexto das relações raciais, por meio de temas como a abolição da escravidão, a estética negra e as ações afirmativas, visando o campo educacional. É

abordado que negras e negros, e mais tarde, a comunidade negra organizada, lutam, por exemplo, pela inclusão de sua história e cultura nos currículos, pela descolonização da escola, pelo empoderamento do negro com sua estética, bem como por políticas específicas nas universidades como estratégias de emancipação.

Versando sobre o Movimento Negro e as subjetividades desestabilizadoras, Gomes elabora o sétimo capítulo. Segundo a autora, o MN “[...] é capaz de suscitar um tipo de subjetividade desestabilizadora que desvie do conformismo perante o racismo para a subversão, superação do mesmo e para construção de políticas radicais de igualdade racial” (p. 129-130). Além das subjetividades, o MN usa de imagens desestabilizadoras (como as da escravidão e do racismo, por exemplo) para restabelecer capacidade de espanto e indignação. Assim, sem esse movimento social e suas características não teríamos avançado nas políticas públicas, especialmente no que diz respeito à Educação Básica e ao Ensino Superior, tampouco nas pesquisas sobre o Brasil e sua história.

Por fim, a autora pontua sobre a *pedagogia da diversidade* e a educação, em que “[...] diante do direito à diversidade, a teoria educacional é desafiada a conhecer e destacar aquilo que nos une sem perder de vista o que nos diferencia” (p. 137). Tal pedagogia está presente nas lutas da comunidade negra ao longo da história, contempla os saberes produzidos, sistematizados e articulados pelo MN, e também faz parte das mobilizações contra-hegemônicas no campo educacional pelos movimentos sociais, estando inscrita na *pedagogia da emancipação*.

O livro, de linguagem acessível, traz uma densidade de conceitos, ideias e argumentos com amplitude e potência que perpassam temas muito caros à comunidade negra brasileira. A obra reverbera o protagonismo e a importância do Movimento Negro na qualidade de um potente movimento social, coletivo, político, produtor de

saberes e educador nas lutas por emancipação. *O Movimento Negro educador* é profundo, repleto de questões a serem desenvolvidas, que impulsionam o leitor a mover e fazer movimento para novos pensares e emergências junto ao povo negro.